

“VERDES MODERNOS”

José Antônio de Ávila Sacramento

Para a cataguasense Vânia R. Vilela de Ávila, com o carinho do autor!

A fundação oficial do Arraial de Santa Rita do Meia-Pataca, origem da cidade de Cataguases, é obra creditada ao coronel francês Guido Thomaz Marlière. O topônimo atual é devido ao Coronel José Vieira de Resende e Silva (1829/1881), nascido no nosso vizinho município de Lagoa Dourada e que se transferiu com o pai para Cataguases em 1842, aonde construíram a célebre Fazenda do Rochedo. É atribuída ao Coronel Vieira a iniciativa de elevação do Curato de Meia-Pataca à condição de Município. Cataguases foi o nome dado ao novo município, em lembrança de um curso d'água do mesmo nome que passava nos fundos da casa onde ele nascera, em Lagoa Dourada. Essa antiga fazenda, Engenho Velho dos Cataguás (ou dos Catauás, datada de 1723), é hoje o Hotel Fazenda Engenho Velho dos Cataguases. Tive a oportunidade de tecer estes comentários quando da saudação rotariana que fiz para o então Governador do Distrito 4580, o cataguasense Ronaldo William Moreira Valverde e a sua esposa Renata Alves Portela Valverde, que estavam em visita oficial ao Rotary Club de São João del-Rei.

Foi por volta de 1940 que o industrial Francisco Inácio Peixoto encomendou ao arquiteto Oscar Niemeyer um projeto para a sua nova residência a ser construída em Cataguases. Depois de Niemeyer, Cândido Portinari e uma formidável quantidade de grandes artistas, sempre incentivados por Peixoto, chegaram à cidade e lá deixaram suas obras. Entre os anos de 1948/49 Portinari pintou o mural “Tiradentes”, têmpera sobre tela de 3,09 x 17,87 metros, encomendado por Francisco Peixoto para ornamentar o saguão do Colégio Cataguases. O mural alusivo à Conjuração Mineira revela “alegorias à liberdade como correntes partidas, membros expostos, figuras em lamentação, além, é claro, do fundo esquematizado das referenciais montanhas de Minas Gerais”. A tela é uma narrativa do julgamento e martírio do são-joanense Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”. Desde 1970, quando foi vendida, a obra está “exilada” da terra mineira e exposta na Fundação Memorial da América Latina, em São Paulo. No lugar do original encontra-se uma sofrível réplica fotográfica. Negociações visando o “repatriamento” do referido painel para Cataguases poderiam ser promovidas oficialmente pelas autoridades e/ou pelas novas gerações daquela cidade.

Desde que o mecenas Francisco Peixoto e seus descendentes optaram por tentar fazer de Cataguases um centro modernista, artistas de renome criaram e deixaram suas obras na cidade, quer sejam em monumentos, na arquitetura ou nos acervos particulares. Obras de Jan Zack, Emeric Marcier, Anísio de Medeiros, Bruno Giorgi, Djanira, Domenico Lazzarin, Santa Rosa, Milton da Costa, Iberê Camargo, Luçart, Utrill, Picasso, Di Cavalcanti, Tenreiro, Guignard e de outros têm abrigo naquela quente urbe da Zona da Mata Mineira. No ano de 1995, o IPHAN reconheceu a importância do acervo cultural cataguasense para o Brasil e decidiu pelo tombamento de uma poligonal de cerca de 60 quadras da área de interesse patrimonial na cidade.

Cataguases foi a terra onde surgiu a “Revista Verde” e é a cidade precursora do cinema nacional, com Humberto Mauro. A “Revista Verde” surgiu com Ascânio Lopes Quatorzevoltas, Camillo Soares de Figueiredo Jr., Enrique de Resende, Christophoro Fonte-Bôa, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino César, Antônio Martins Mendes, Oswaldo José Abritta e Rosário Fusco (os chamados “Ases de Cataguases”). “Verde” foi uma Revista modernista, que divulgou o Movimento Verde (uma revolução no pensamento estético na década de 20). Nos seis números da revista colaboraram Mário de Andrade, Carlos

Drummond de Andrade, Anibal Machado, José Américo de Almeida, etc. O nosso cinema também deve muito a Cataguases: foi lá que Humberto Mauro (1897-1983) e Pedro Comello principiaram valiosas experiências com a sétima arte em terras nacionais. “Eu fazia cinema, os verdes faziam literatura”, disse Humberto Mauro.

Foi em Cataguases, antes “um cafundó que modorrava aos pés do ribeirão Meia-Pataca, ouvindo berros de boi, os raros fusos de sua fábrica de tecidos, o ronco de meia dúzia, se tanto, de automóveis” que no limiar do século XX surgiu uma poderosa usina geradora de energia e um especial pólo da indústria de tecelagem. A Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina atua na geração e distribuição de energia da cidade e de mais 67 municípios dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro (mais de 1 milhão de pessoas!).

Como exemplo de pólo da tecelagem, em fevereiro de 1905 surgiu a Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguases – depois “M. Ignácio Peixoto”; em 1913, “M. Ignácio Peixoto & Filhos”; em 1917, “Irmãos Peixoto & Cia”, que em 1935 passa a se chamar “Indústrias Irmãos Peixoto SA” – atualmente incorporada pela Companhia Industrial Cataguases. Em 1999 foi criado o Instituto Francisca de Souza Peixoto, braço cultural da Companhia Industrial Cataguases, entidade que disponibiliza substanciais investimentos em programas educacionais e culturais, bancando seus projetos de educação, cultura, saúde, esportes e cidadania, com recursos próprios. Na mesma data da Fundação do Instituto Francisca de Souza Peixoto foi aberta ao público uma sala para exposições contendo trabalhos de artistas de renome nacional e internacional, acervo do Museu de Belas Artes de Cataguases e do Museu de Arte Moderna Francisco Inácio Peixoto.

Desta forma, na noite de 08 de março de 2008, Dia Internacional da Mulher, foi inaugurado o magnífico espaço cultural da Fundação Oscar Araripe (cidade de Tiradentes-MG), aonde aconteceu a abertura da exposição “Verdes Modernos”, composta de parte do acervo de pinturas, esculturas e desenhos trazidos do Museu de Belas Artes de Cataguases, com obras de artistas modernistas. O artista plástico Oscar Araripe advertiu-nos que “é muito bom ter tais modernos conosco. A arte, num certo sentido, é sempre ‘moderna’ e talvez seja por isso que Minas não tem ‘pós-moderno’. Mas, certeza mesmo, é que a graça quando chega é abundante: nossa galeria é bonita e muito bem instalada e nossa Fundação está aberta a todos, que a legitimarão”.

No vernissage apreciamos obras de Iberê Camargo, Heitor dos Prazeres, Jan Zach, Guignard, Faiga Ostrower, Bologna, Ceschiatti, Percu Deane e outros. Sérgio Paulo Rouanet (cientista político, embaixador, ex-ministro da cultura e membro da Academia Brasileira de Letras) e sua esposa Bárbara Freitag Rouanet (especialista em ciências humanas, sociais e linguísticas), em conversa conosco, manifestaram grande satisfação pelo fato de que a cidade de Cataguases não se esgotou culturalmente com o fim do Movimento Verde; louvaram o florescimento cultural daquele município que tem vocação pluridisciplinar, “já que a cidade em si mesmo é uma obra de arte e carrega vários compartimentos do que é belo”. No folder que apresentou a exposição (uma feliz tentativa de relembrar a capa do volume inicial da “Revista Verde”) Rouanet escreveu que existe um “milagre de Cataguases” ao explicar “o fato de que uma cidade interiorana de Minas Gerais tenha se transformado, no início do século 20, em importante centro de criação e irradiação da cultura, não somente nacional como internacionalmente”. O ex-ministro e mentor da Lei Federal de Incentivo à Cultura, ao ser provocado sobre a possibilidade de a comunidade cataguasense requerer a volta da obra de arte de Cândido Portinari para a cidade, comentou que seria muito propício o início de uma negociação. Sugeriu que ela fosse encabeçada pelo Governo de MG e oficialmente direcionada ao Governo de SP, com a finalidade readquirir e “repatriar” a Minas Gerais o painel “Tiradentes”.

O gestor executivo do Instituto Francisca de Souza Peixoto, Marcelo Inácio Peixoto declarou que “o Museu de Belas Artes de Cataguases é um sonho que se tornou realidade e é mais um dos preciosos legados culturais de Francisco Inácio Peixoto”. Comprometeu-se, ao ser abordado por este articulista e pelo produtor cultural Adenor Luiz Simões Coelho, a congregar esforços para trazer a exposição “Verdes Modernos” até a nossa São João del-Rei.

Assim, ainda que brevemente delineada a importância cultural da terra cataguasense nos cenários mineiro e nacional, é importante chamar atenção para o que escreveu dr. Rouanet: “a pomba de Cataguases” (referindo-se a uma lenda que dá nome ao Rio Pomba, que corta a cidade) “foi para Tiradentes, trazendo consigo a mensagem verde original, a autonomia da arte e o diálogo entre os diferentes gêneros estéticos. (...) A pomba verde não se esqueceu do caminho que leva a suas plagas natais, e passará o resto de sua longa vida voando entre as duas cidades, enriquecendo ambas, reverdecendo ambas”.

À sempre bem-vinda presença modernista de Cataguases soma-se o nosso espírito barroco mineiro do século XVIII e tudo se converge, transformando o encontro de tendências num formidável “laboratório” cultural!



Marcelo Inácio Peixoto e Vânia R. Vilela de Ávila
Exposição “Verdes Modernos” – Fundação Oscar Araripe (Tiradentes-MG)
(Foto: J. A. de Ávila – 08 de março de 2008)